



Mário Abrantes

Duas tiradas tatcherianas para uma operação nebulosa

49 anos depois do golpe sangrento que derrubou um governo de esquerda democraticamente eleito no Chile, para impor a ditadura dos “Chicago Boys” de Milton Friedman, e 43 anos depois de Margaret Thatcher ter começado a governar a Grã-Bretanha, durante 11 anos, à luz das mesmas ideias político-económicas, a ideologia neoliberal, que acabou rejeitada em ambos os casos por assentar em totalitarismos, na desregulação da economia e na sacralização das injustiças sociais, está a ser novamente o farol ideológico e o supremo guia desta vez da cabeça de Úrsula Von der Leyen, na União Europeia, e da cabeça de José Manuel Bolieiro, cá por estas ilhas, por mais que isso roa de inveja o recém-chegado deputado da IL...

A pressa cega do PSD em privatizar, em 2023, a Azores Airlines, com objetivos político-económicos que, face ao interesse dos Açores e dos açorianos, deixa muito a desejar e muito por explicar, veio demonstrar isso mesmo.

Em junho do ano passado, confrontado com as muitas dúvidas sobre o futuro do serviço público de transporte aéreo entre os Açores, o Continente e o resto do mundo, o presidente do governo açoriano, sem acalmar absolutamente nenhuma dessas dúvidas, fez questão de garantir que, para a privatização da companhia teria de ser criado um caderno de encargos “amigo do mercado”. O que significa isto? Fundamentalmente um caderno que não imponha muitas condições aos putativos compradores, ou seja, pouco preocupado com a garantia dos destinos e frequências da transportadora, da justiça do seu preço ou dos direitos e da segurança dos seus trabalhadores, e que não previna a sua aquisição por qualquer aventureiro sem outros princípios que não os da falcatura e do lucro máximo com o mínimo de risco (como, para mal dos portugueses, em novembro de 2015, aconteceu com a venda da TAP por um governo do PSD com o seu programa chumbado e em gestão corrente), ou que, em obediência aos

interesses das grandes companhias aéreas, a Azores Airlines seja comprada por alguma delas...para que seja aniquilada.

Mas o presidente do governo não se ficou por aqui e afirmou ainda, por mais de uma vez, que “acabou o tempo da intromissão política” na SATA. Ora isto significa tão-só que o maior acionista da companhia, os Açores através do seu governo, prescinde de orientar a companhia, como é seu dever e obrigação democráticos, no interesse coletivo e de forma escrutinável pela própria coletividade (órgãos, parlamento e outras instituições da região e seus cidadãos). Significa que, para uma empresa de capitais públicos, o governo de Bolieiro opta pelas regras menos responsáveis e menos transparentes da pseudo-apolítica economia neoliberal. Estranho que perante a mesma prática de não intromissão política do governo de António Costa na gestão da TAP, como agora ficou bem patente no caso vergonhoso das indemnizações sumptuárias aos administradores, ou da demissão de Pedro Nuno Santos, e não só, os correligionários nacionais de Bolieiro tenham, ao contrário deste, condenado a falta de responsabilização política do governo pela gestão da TAP...

Após o desaire da sua privatização, a TAP voltou ao domínio público. Cabo Verde privatizou a sua companhia aérea, mas, no interesse coletivo renacionalizou-a. Na administração atual da SATA está um dos responsáveis pela privatização danosa daquela companhia cabo-verdiana. Afirmando que a privatização é fundamental para o resultado económico da Azores Airlines, esta administração anuncia, entretanto, resultados extremamente favoráveis do seu desempenho enquanto empresa de capital público, em que ficamos?

Os trabalhadores, sem rodeios, é que já manifestaram a sua desconfiança e descontentamento com o curso desta nebulosa operação político-económica...



Nuno Costa Santos

Notas sobre a Pancadaria Insular

Arressaca quer dizer briga por estes lados atlânticos. Pancada. Caceta-da. Há dias, em conversa familiar, foi lembrado o termo a propósito de um venerável cidadão, sempre muito bem posto, que resolvia tudo ao murro. Falava-se de alguém que, como se diz por aqui, era *teso pá porrada* e que se especializou em arranjar arressacas em tudo o que é sítio. Um fenómeno com adeptos açorianos vários. Por alguma razão John Wayne passou pelos Açores no início dos anos 60.

É pensamento universal, sim, este de achar que duas ou três bofetadas (nos Açores taponas) são suficientes para resolver os engulhos do mundo. Que um par de “punhadas” são remédio santo para consertar os desmandos da realidade. No arquipélago, durante anos invadido por piratas, é um dos conhecidos regulamentos em vigor.

Mas faço uma distinção baseada na minha vivência terceirense. Sinto que a pergunta “sabes como é aquilo se resolvia?” é mais habitual em São Miguel do que na Terceira. Em São Miguel parece-me haver uma maior distribuição do “veneno”. Aqui em frente há um bar, aberto até tarde, no qual nunca vi nenhuma arressaca. Acredito que, em São Miguel, num bar como este haveria um certo índice de sopapo. Aquele índice de sopapo que, segundo me contam, era elevado na Terceira com os “militares da Base” – os tropas americanos que se armavam em espertos nos mais diversos estabelecimentos. Lembro-me agora, nesta hora da crónica, que há uns anos vi uma cena de pancadaria entre duas raparigas junto ao porto de São Mateus. A eficácia de um dos murros, que deixou uma delas no

chão, deu-me a ideia de que não era a primeira vez que praticava com primor a arte do boxe.

O dicionário micalense traz especificidades verbais à pancadaria. O cerimonial linguístico é memorável, digno de glosas académicas e outras notas de rodapé. Não é toda a gente que, antes de mandar uma direita, faz o aviso “vou-te escarrolá todo!”. Escarolar, segundo o Dicionário de Falares dos Açores, é “reduzir a fragmentos”. “Vou-te reduzir em fragmentos!” seria mais fino mas ninguém está aqui para isso. O autor do livro, J.M. Soares de Barcelos, lembra que o Dicionário da Academia regista “escarolar” com este significado como açorianismo. Um açorianismo que se refere ao bélico gesto de deixar o outro em fanicos. “Tu desapega-te daqui para fora!” também é um aviso habitual. Ou o clássico “pega direito! (pega drête)”

Naturalmente, os ambientes nocturnos são propensos a arressacas históricas. Há muito “leilão” (confusão) na noite. Lembro-me de na minha adolescência ter assistido a várias. Depois de uma noite de regabofe dançante não era invulgar haver um diálogo como este: “Aquilo ontem foi uma grande arressaca!” “Então?” “Não deixaram o Márcio entrar no Cheers (antiga discoteca micalense), o Márcio ficou cheio de gene (génio, sim) e deu um arrejeito no porteiro”. “Mas como é que isso aconteceu?”, pergunta o interlocutor. O porteiro abriu a porta, demorou a decidir e o Márcio perguntou: “Tás co’ olho? Vais apanhar nas ventas!” E assim foi.

Bom Ano! Com poucas arressacas.